

## O guerreiro de fronteira bizantino Akrites segundo o *Strategikon* de Cecaumenos (séc. XI)<sup>1</sup>

JOÃO VICENTE DE MEDEIROS PUBLIO DIAS<sup>2</sup>

### Resumo

No século X, a expansão territorial de Bizâncio para o Oriente transformou a fronteira bizantina. Ela era demarcada por pequenos distritos chamados de *kleisura*, os quais foram expandidos e transformados em *themata*, a semelhança de outros distritos do interior do território imperial. Seus comandantes, os *Akritai Strategoi*, se tornaram os grandes responsáveis pelo sucesso ou falha da defesa do território bizantino. Papel esse muito bem detalhado em um manual de conselhos escrito pelo aristocrata bizantino Cecaumenos (c. 1010-1070): o *Strategikon*, brevemente analisado pelo bizantinista italiano Agostino Pertusi. Esse trabalho pretenderá aprofundar a análise de Pertusi. Leva-se em consideração o fato de que na época em que o manual de Cecaumenos fora escrito, tal organização política da fronteira se encontrava em sua crise final, fazendo esses conselhos serem “ultrapassados” para a época. Portanto, também será discutida a razão que impeliu o autor a escrever sobre uma instituição que se encontrava quase em desuso.

**Palavras-chave:** Império Bizantino; Akrites; Cecaumenos.

### Abstract

In the 10<sup>th</sup> Century, the territorial expansion of Byzantium to the East transformed the byzantine frontier. Which was divided in small districts called *kleisura*; those were expanded and transformed into *themata*, similar to the other districts in the inner imperial territory. Their commandants, the *Akritai Strategoi*, became the major responsible for the success or the failure of the Byzantine's territory defense. This role is very well detailed in a Council book wrote by the byzantine aristocrat Cecaumenos (1010?-1070?): The *Strategikon*. Already and briefly analyzed by the Italian byzantinist Agostino Pertusi. This work intends to continue the conclusions made by this historian, going deeper in some points made by him and pointing new ones. Taking account the fact that in those times which that book was written, the political organization of the Frontiers described before was in its final crisis, what makes these councils “old-fashioned” for the time. Therefore, it will be also discussed the reason that made the author write about an institution that was almost in disuse.

**Keywords:** Byzantine Empire; Akrites; Cecaumenos.

Uma das características principais do *geist* bizantino é seu conservadorismo, concretizado no discurso da manutenção da *Taxeis* - a Ordem - e a conseqüente aversão a tudo

que é novo. Embora esse pensamento possa ser observado em vários campos dentro do mundo bizantino, como na religião, na política e na cultura, Alexander Kazhdan e Ann Eppstein propuseram que, nos séculos XI e XII, houve um afrouxamento no conservadorismo nessas duas últimas áreas (Kazhdan & Epstein, 1985). Contudo, esse gosto pela conservação da ordem e aversão ao novo era equilibrado pela *oikonomia*, a reorganização política do Império devido a contextos que mudaram, para que justamente a *taxeis* fosse mantida (Burns, 1993: 59). Um exemplo disso foi a ascensão muçulmana iniciada no final do século VI.

A *Restauratio Imperii* empreendida por Justiniano I (527-565) reconquistou as regiões do Norte de África, parte da Itália, incluindo Roma, e o sul da Península Ibérica. A *Restauratio* foi mantida e expandida posteriormente até o governo de Heráclio I (610-641). Porém, nem o Império, incapaz de manter províncias tão longínquas, nem a região do Mediterrâneo, politicamente dividida pelos reinos germânicos (francos, ostrogodos, visigodos), nascidos sobre os escombros da *pars occidentalis* do Império Romano, eram os mesmos da época do Principado fundado por Augusto. Portanto, a reconquista justiniana se revelou frágil e impossível de se manter, pois gradativamente esses territórios foram perdidos ou abandonados, mostrando-se nociva ao Império. A obsessão de Justiniano pela reconquista do Ocidente o fez dar as costas às províncias orientais. Conseqüentemente, o Império Persa Sassânida, o principal adversário do Império Bizantino, se aproveitou da situação e invadiu as províncias bizantinas orientais. Esse avanço fez o Imperador Heráclio I agir. Gradativamente, as forças imperiais bizantinas entraram em território persa. Ainda que não tenham conquistado a capital sassânida Ctesifonte, Heráclio ganhou de uma vez por todas um conflito que já durava séculos e que era um antigo objetivo dos Imperadores Romanos e Bizantinos. (Treadgold, 1997: 287-306 & Arce, 1987)

Apesar do resultado, ambos os lados saíram extremamente fragilizados, criando assim um ambiente propício para a chegada de um novo grupo de conquistadores, vindos dos desertos arábicos e movidos por uma nova fé: os muçulmanos. Durante séculos em conflito, as tribos árabes convertidas ao Islamismo eram proibidas de guerrear entre si e desviaram o seu ímpeto guerreiro para além da península arábica, resultando numa expansão massiva e desordenada. A primeira grande conquista do Islã foi o derrotado, por isso enfraquecido, Império Sassânida. Apesar de seu desaparecimento, sua cultura e sociedade foram mantidas pelos muçulmanos, que então formavam um enorme Império sob a liderança do Califa, o sucessor do profeta. Por conseguinte, o Califado se viu, ao substituir o Império Persa, diante do maior inimigo de seus conquistados, o Império Bizantino, que estava também bastante debilitado pelo custo do longo conflito e dividido internamente por querelas teológicas.

Devido a esses fatores, o Califado não teve muitas dificuldades em conquistar as províncias romanas da Palestina, Síria, Egito e Norte da África. Províncias de maioria étnica árabe-semítica e religiosa cristã monofisita, que ao contrário do credo oficial niceno-calcedônico, acreditavam que Cristo só tinha uma natureza: a divina. Por isso sofriam constante pressão do governo imperial devido à urgência de unidade religiosa que existia na ideologia imperial bizantina. (Patlagean *et al*, 2001: 68-77)

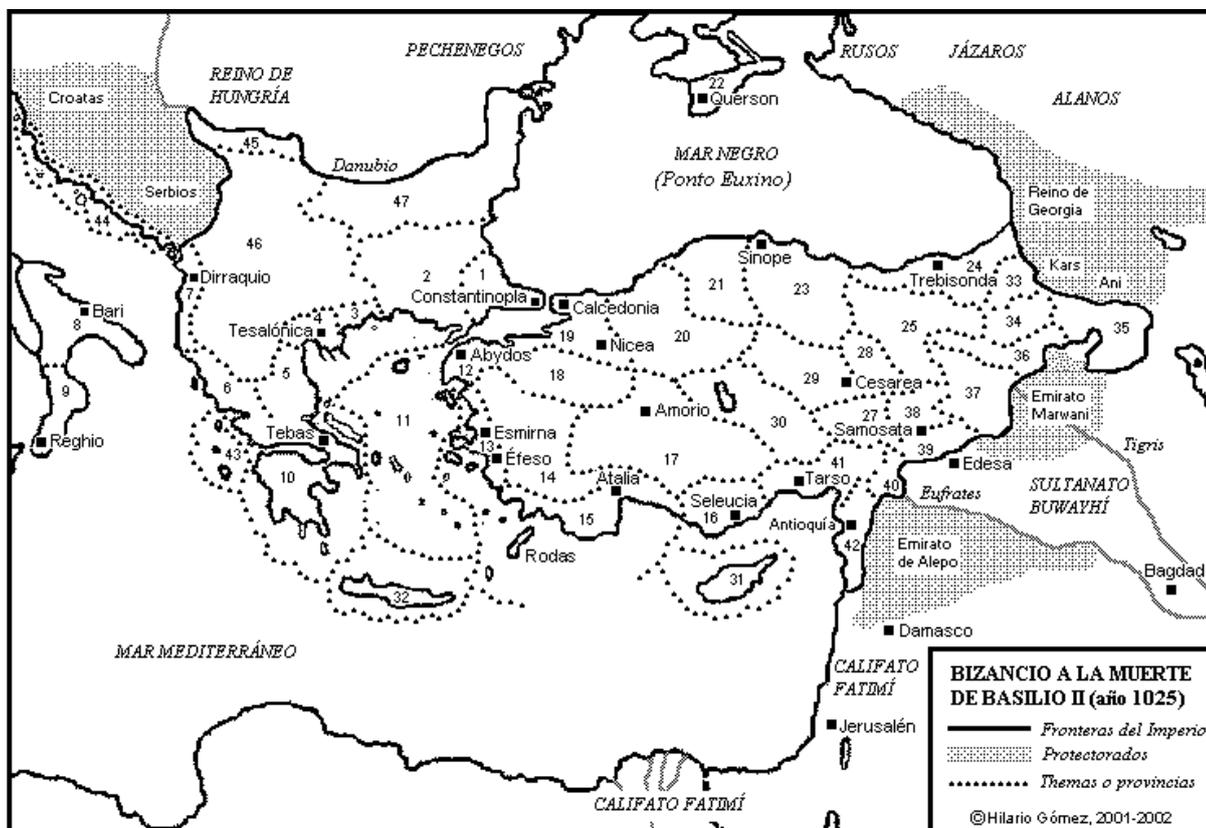
A resposta do poder imperial a esse novo contexto político foi a recomposição do Império Bizantino em *Themata*. Reorganização que abrangeu desde o redesenho das províncias, organização e mobilização militar, até os métodos de captação de impostos. (Haldon, 1999: 67-85 & Nicolle, 1992: 13-17) O sistema de *Themata* se originou, segundo John Haldon, das antigas forças orientais do tardio Império Romano, ou já Bizantino, que em aproximadamente 630, com a conquista muçulmana, refugiaram-se na Ásia Menor. Dessa forma, a região em que cada exército estava acampado se tornou um distrito, um *Thema*, mas com uma denominação grega ao invés de latina (vide anexo I). Assim as tropas do *Magister Militum per Orientem* originaram o *Thema* dos *Anatolikon*. O *Magister Militum per Armeniam* se tornou o *Thema* dos *Armeniakon*. A única exceção européia foi o *Magister Militum per Thracias*, que se tornou o *Thema* de *Thrakesion* (Haldon, 1999:73). Sua administração se inspirou nos *exarcados* criados pelos imperadores Maurício (582-602) e Heráclio I (610-641), que combinavam o poder militar e o civil nas mãos de uma autoridade: o Exarca. (Haldon, 1999: 71)

No caso dos *themata*, quem exercia esse poder civil e militar associado era o *Strategos*, “general” em grego. Cada *thema* devia sustentar um exército próprio, formado por um sistema que lembra os antigos *limitanei* tardo-romanos: pequenos proprietários rurais que em troca de isenções fiscais e pago anual, deviam fornecer pelo menos um soldado a esses exércitos provinciais. Tal sistema era chamado de *strateia* e foi a pedra-angular da estabilidade do Império em períodos posteriores. Apesar de pequenas alterações, o sistema dos *themata* manteve-se basicamente inalterado até meados do século X e foi expandido por todo o Império.

Os distritos inicialmente extensos foram gradativamente subdivididos em unidades menores, o pago dos soldados *thematicos* foi dobrado pelo Imperador Teófilo (829-842), assim como o número de soldados, expandido no reinado desse mesmo imperador pela absorção de mais de 30.000 soldados árabes khuramitas convertidos ao cristianismo.

O Imperador Leão VI (886-912) aumentou ainda mais a proporção numérica da cavalaria em relação à infantaria, tornando os exércitos dos *themata* mais ofensivos, o que

respondia a necessidade da nova fase de expansão territorial do Império a partir do século X (Treadgold, 1997:547).



**Anexo I:** Fronteiras e divisão territorial do Império Bizantino no ano de 1025. Retirado de [www.ejercitosbizancio.org](http://www.ejercitosbizancio.org).

Por outro lado, nas fronteiras do Império, outra situação institucional se desenhou. A expansão muçulmana, rápida e avassaladora nos séculos VII e VIII, se estabilizou no século IX. Na fronteira entre Bizâncio e Islã, fixada na extremidade oriental da Ásia Menor, criou-se, por uma política empreendida pelos dois lados, uma terra de ninguém. Uma região de guerra, com baixa ocupação humana e atividade econômica, dominada geograficamente por vales, montanhas, e politicamente, por senhores de guerra locais, encastelados em suas fortalezas e exercendo o real poder nessas paragens. Potentados que prestavam obediência inescrupulosa para o lado que fosse mais conveniente, seja Bizâncio, seja o Califado. Portanto, para esse contexto específico, Bizâncio criou uma organização específica: as *kleisuras*. Palavra que, em grego, significa “vale” ou “passe montanhoso”, fazendo referência a formação geográfica

daquelas regiões. Esses distritos foram instituídos nas fronteiras em paralelo ao sistema de *Themata*, aproximadamente no final do século VIII, originados de *tourmas*, tropas dos *Themata*, que foram destacadas para as fronteiras. Nesses territórios, os comandantes dessas tropas, os *tourmarchas*, então chamados de *kleisurarchas*, tinham autoridade quase total (Haldon, 1999:78, 114-115 & Nicolle, 1992:14).

No século X, observou-se uma mudança expressiva nas fronteiras orientais bizantinas. O Império Bizantino se expandiu de forma expressiva. Foram dois os motivos para isso acontecer. Ao mesmo tempo em que o poder se fragmentou no Islã, que deixou de ser uma autoridade centralizada na figura do Califa, fragmentando-se em numerosos pequenos emirados independentes, o Império Bizantino iniciou um novo período de estabilidade política, com o surgimento e legitimação da Dinastia Macedônia (867-1056). Essa dinastia trouxe ao poder em Bizâncio uma série de Imperadores competentes entre os quais se destacaram Basílio I (867-886), Leão VI (886-912) e Basílio II (976-1025), que fizeram uma série de reformas legislativas, administrativas e militares, as quais tornaram Bizâncio mais uma vez o maior poder incontestado no Mediterrâneo.

No reinado Basílio II, uma série de acontecimentos representou o ápice do poder bizantino. A centenária guerra búlgaro-bizantina teve um desfecho sangrento, quando Basílio II subjuguou a última parte do Império Búlgaro, a Ocidental, ainda independente na batalha de Kleidion em 1014, e mandou cegar mais de 15.000 prisioneiros de guerra búlgaros. Por esse ato, ele ganhou o epíteto de “*Bulgarokotonos*”, isto é, “Mata-Búlgaros”. Contudo, o sucesso militar desse Imperador não se limitou a conquista da Bulgária, pois ele expandiu o Império também a Oriente e na Itália. Esses sucessos só foram possíveis graças aos reinados de seus ancestrais da Dinastia Macedônia, que nos dois séculos anteriores fizeram uma política fiscal competente e organizaram o exército bizantino.

Uma dessas mudanças foi a ampliação das antigas *kleisuras* que se tornaram *themata*, ou mesmo *themata* completamente novos foram criados a partir dos territórios conquistados. Porém, esses novos distritos fronteiriços diferenciavam-se das *themata* interiores pela nomenclatura. As interiores passaram a ser chamadas de *themata* “grandes” (*megalon*) ou “romanas”, enquanto as da fronteira eram chamadas simplesmente de “fronteiriças” (*akritikon*) ou “armênicas” (*armeniakon*), devido ao fato de que a população local na fronteira oriental bizantina era, em grande parte, de etnia armênia (Haldon, 1999:84). Já os comandantes desses distritos tinham a mesma função dos *Strategos*, porém eram considerados “menores” e por vezes chamados de *akrites*.

*Akrites* vem do grego para o termo *akra*, que quer dizer “fronteira” ou “extremo” e designa, de uma forma geral, o soldado que protege as fronteiras bizantinas. Como foi observado no valioso trabalho de Agostino Pertusi, fontes do mesmo período diferem em sua descrição de *akrites* (Pertusi, 1974:237-284). O *De Cerimoniis* do Imperador Constantino Porfirogenito (913-959) é a primeira referência documental sobre os *akrites*. O autor imperial diz que, ao ir às fronteiras, o Imperador deve dispensar toda a pompa imperial e se fazer acompanhar por 500 *akrites* escolhidos entre os melhores homens dos *Themata* fronteiriço pelo *Drougario da Bigla*, responsável pela segurança pessoal do Imperador (Constantino Porfirogenito Apud Pertusi, 1974:240-242).

Já o *Velitatione Bellica*, atribuído ao Imperador Nicéforo Focas (963-969), se refere aos *akrites* tanto como *kaminobiglatores*, sentinelas e vigias dos caminhos que dão acesso ao território imperial, quanto *trapezitai*, soldados milicianos (Nicéforo Focas apud Pertusi, 1974:241-245).

Depois de citar essas fontes, Pertusi discorre sobre qual categoria de mobilização, das que existiam no Império Bizantino do século IX e X, os *akrites* se enquadravam. Como *Strateoumenoi*? Isto é, soldados combatentes, milicianos, que tinham todos os armamentos e todo o sustento pagos pelo governo imperial? Ou como *Stratitotai*? Soldados-camponeses do sistema de *strateia*.

Analisando as fontes escolhidas, o autor conclui que:

Os *akrites* de fato, nos poucos testemunhos que temos, não aparecem mais como *stratitotai*, mais frequentemente como *strateoumenoi*, isto é, soldados combatentes, assumindo a *douleia* ou serviço militar. Esses podiam, muito provavelmente, estar em posse de um bem militar e com os proventos dele prover o seu próprio armamento, mas não deveriam estar necessariamente de posse, porque todo armamento e todo sustento deveria vir do estado. (Pertusi, 1974: 244)<sup>3</sup>

A proteção da fronteira era um trabalho integral. Deveria exigir, tanto do soldado quanto do comandante, atenção exclusiva, tirando assim qualquer possibilidade de disponibilidade desses *akrites* de trabalhar na própria terra. No entanto, como diz o próprio autor, esses, apesar de não necessariamente terem terras, poderiam tê-las, se fossem trabalhadas por dependentes, familiares ou servos.

Na metade do século X, da mesma forma que o próprio conceito de fronteira, como se observou logo acima, o termo *akrites* mudou expressivamente de significado, não mais nomeando esses soldados, sentinelas e mensageiros que vigiavam as fronteiras do Império, mas os próprios comandantes dos distritos limítrofes. Eles eram chamados de “*akritai*”

*strategoi*” ou simplesmente de “*akrites*”. Vários manuais militares atestam essa mudança, porém um dos mais ricos em informações sobre esses “novos *akrites*” é o *Strategikon* de Cecaumenos.

*Strategikon* é um livro de conselhos da segunda metade do século XI. Ao contrário dos outros *Strategikon*, como o de Maurício (do século VII) e do Imperador Leão VI (do século X), o de Cecaumenos não se limitou a enumerar e analisar táticas e estratégias de guerra, mas também trata de uma enorme gama de assuntos: política, vida familiar, economia doméstica, religião e moral. Ele está dividido em grupos de conselhos dirigidos a determinadas funções, como bispo, sacerdote, cortesão, general etc.

O pouco que sabemos de Cecaumenos, o autor, pode ser achado em sua obra. É lá que observamos que ele era parte da aristocracia militar surgida a partir da citada expansão do mundo bizantino, observado a partir do século X e, como havia de se esperar, seguiu uma carreira no exército imperial. Esta deve ter se iniciado na década de 1030, pois participou de uma campanha militar contra a revolta do líder búlgaro Pedro Delian em 1041 (Cecaumenos: XV, 8, v). Cecaumenos posteriormente esteve em Constantinopla na revolta popular que destituiu Miguel V, em 1042, (Cecaumenos: XI, 26 & XV, 11-14) e ocupou um cargo, provavelmente de *Strategos* (não sabemos quando) na *Thema* da Tessália (Cecaumenos: XI, 30).

Da mesma forma, podemos saber a época aproximada em que ele escreveu o *Strategikon*, pois menciona o Imperador Miguel VII (1071-1078) como o então ocupante do trono imperial (Cecaumenos: XII, 1, x). Portanto, mesmo que ainda fosse muito jovem na sua campanha búlgara, em 1041, com aproximadamente 20 anos, ele deveria ter no mínimo 50 anos quando escreveu esta obra, mas provavelmente era bem mais velho. Então consideramos o autor sendo um homem de idade bastante avançada se levar em consideração a baixa expectativa de vida em sociedades pré-industriais.

É importante apontar que a época na qual Cecaumenos escreve seu *Strategikon*, nos idos de 1070, foi marcada pela crise dessa estrutura de organização governamental bizantina, iniciada após a morte do Imperador-guerreiro Basílio II, em 1025. Ele, ao contrário dos seus ancestrais, por motivos ainda ignorados, não se esforçou para designar um sucessor para a continuação da Dinastia Macedônia. Quando ele morreu, em 1025, o poder foi passado para seu irmão Constantino VIII, já velho e eclipsado do poder até então por Basílio II, dedicando-se a vida cortesã. Seu reinado foi curto, morreu em 1028 e passou o poder para os dois únicos membros restantes da Dinastia: as suas filhas Zoé e Teodora, ambas sem filhos e muito além da idade para tê-los. Elas se casaram muitas vezes com indivíduos que governaram o Império

em nome delas, porém, a Dinastia Macedônia, que havia sido fundada pelo oportunista Basílio I Macedônio, em 867, consolidando o poder bizantino e expandido o Império, estava com seus dias contados.



329. Fol. 136v: The Byzantines chase the Arabs and the escape of Niketas Chalkoutzes

**Anexo II:** Embate entre forças bizantinas e árabes. Ilustração retirada de Crônica Skilitzes (século XII). Fonte: TSAMAKDA, Vasilikí. *The Illustrated Chronicle of Ioannes Skylitzes in Madrid*. Leiden: Alexandros Press. 2002

Esses regentes provinham, em sua maioria, da elite administrativa de Constantinopla, os quais subiam ao poder e se destituíam continuamente. Situação agravada, sobretudo, após a morte do último membro da Dinastia, a Imperatriz Teodora, em 1056. Apesar da fragilidade política que surgiu após a morte de Basílio II, o Império se manteve forte devido ao sistema das *themata* ainda mantido. Essa situação começou a mudar quando a aristocracia civil, empossada da púrpura imperial, decidiu enfraquecer seus adversários diretos, a aristocracia rural, pela sua base, desmontando o sistema de mobilização dos *themata*. Porém, não podemos pensar que a aristocracia militar e a burocrática eram blocos politicamente coesos. Havia sim dissensões e rivalidades dentro desses grupos, assim como algumas alianças entre elementos de diferentes grupos. Entretanto, no século XI, começou a haver uma crescente polarização desses dois estratos sócio-políticos de elite.

Houve alguns casos de desmobilização de soldados anteriores a esse período, mas suas razões foram práticas. A expansão territorial que marcou o século X fez com que alguns dos *Themata* mais distantes da fronteira expandida ficassem seguros de ataques estrangeiros e o resultado disso foi que os soldados desses distritos ficaram tanto tempo inativos que perderam sua prática. Assim se tornaram inúteis e caros, pois ainda tinham que receber o pago. A

solução do governo imperial a esse problema foi a retirada dos soldados do sistema de *strateia*, os quais passaram a pagar impostos em substituição ao serviço militar. Por outro lado, na fronteira, os *themata* foram se tornando cada vez mais militarizados e os soldados cada vez mais profissionais. Desse modo, nesses *themata* limítrofes concentrou o maior número de soldados, assim como os mais experientes.

Essa situação mudou no reinado de Constantino IX Monomachos (1042-1055). Esse imperador dispensou, mais por motivos econômicos do que políticos ou militares, todos os soldados dos *themata* armênios, ou os *themata* fronteiriços, substituindo-os por tropas mercenárias estrangeiras e protetorados fronteiriços. (Treadgold, 1997:595-596) No fim, essa iniciativa se tornou catastrófica, pois o controle sobre os mercenários era tênue, assim como sua fidelidade, e o mesmo aconteceu com os protetorados.

Como resultado, o território imperial se abriu para invasões. Os Turcos Sedjúcidas, novos “protetores” do Califado Abássida, se aproveitaram da situação. Isso implicou na famosa derrota bizantina para os turcos em Manzikert, na Armênia, em 1071, na qual o que restava do exército bizantino foi destruído e dispersado. O território imperial foi rapidamente ocupado por hordas turcas, com exceção das principais cidades, onde os governadores locais, com suas tropas, se achavam suficientemente fortes para aspirarem ao trono imperial, em contraste a um governo decapitado, pois o Imperador Romano IV Diógenes havia sido capturado em batalha. É nesse contexto caótico, pós-derrota, que Cecaumenos escreve seu *Strategikon*. Observando essas mudanças, nos perguntamos: qual a razão de Cecaumenos escrever seus conselhos ancorados num mundo que estava se desmanchando? Sua obra nos dá alguns indícios, principalmente nos conselhos dirigidos ao Imperador, em que Cecaumenos adverte-o a não fazer coisas que os últimos Imperadores de fato estavam fazendo. Como o conselho para que o Imperador não se esqueça dos soldados ao distribuir dignidades (Cecaumenos:XV, 7), não deixar de pagar o soldo (Cecaumenos:XV, 9) e não abrir mão do serviço deles em troca de dinheiro (Cecaumenos:XV, 17).

Talvez Cecaumenos ainda tivesse esperança de que algum imperador surgisse, restaurasse a boa ordem no Império e, dessa forma, voltasse a glória da época de Basílio II, que Cecaumenos cita muitas vezes, elogiosamente, em seus conselhos. Da mesma forma é evidente, nessa inadequação, o típico fenômeno histórico do observador que descreve uma situação a qual não compreende inteiramente. Cecaumenos, um indivíduo já idoso, via o mundo à sua volta sofrer grandes mudanças que não compreendia ou não queria compreender, por estar muito ligado a esse mundo que estava quase desaparecendo. Esta é ainda uma questão em aberto. Entretanto, através desse “anacronismo”, podemos situar a imagem de

*akrites* passada por Cecaumenos em um período entre, aproximadamente 930 e 1050. Datas essas que limitam o início da grande expansão oriental bizantina no reinado de Romano Lekapeno (920-944) e a desmobilização dos *themata* fronteiriços por Constantino IX Monomachos.

A primeira referência aos *akrites* que achamos no *Strategikon* é uma censura, em que Cecaumenos acusa-os de serem os responsáveis pela invasão dos petchenegos, um povo eslavo, para dentro do território imperial. A razão disso, segundo o autor, é a indolência desses *akrites* que, enquanto adulam o Imperador, descuidam de sua principal função: a proteção das fronteiras. Por isso o autor recomenda que esses *akrites* fossem não só censurados publicamente, como também punidos (Cecaumenos:VI, 26). Assim, através desta censura, é possível observar a função crucial dos *akrites*, para Cecaumenos, de serem os principais responsáveis pela integridade da fronteira e, por conseguinte, do próprio território imperial.

No entanto, com a expansão das antigas *kleisuras* para *themata*, as funções dos *akrites* e dos *strategos* se confundiam, já que os distritos do interior e da fronteira eram, aparentemente, de igual constituição e organização. Contudo, a pequena obra de Cecaumenos nos dá interessantes indícios para construir uma diferenciação entre as funções de ambos os cargos.

O já citado artigo de Agostino Pertusi iniciou uma análise político-militar no intuito de descobrir quem eram esses *akrites* nos conselhos de Cecaumenos. Entretanto ela é breve, uma vez que o objetivo do trabalho era o estudo da representação dos *akritai* na literatura épica bizantina. No trecho do referido artigo, em que ele analisa o *Strategikon* de Cecaumenos, ele busca principalmente perceber a mudança entre os *akritai* vigilantes da fronteira dos manuais militares do século X, para o *akrites* comandante ou potentado local da obra de Cecaumenos. Representação essa que será bastante similar a imagem de *akrites* do ciclo épico bizantino. (Pertusi, 1978:245-246) Sendo assim, a análise aqui construída terá como objetivo dar continuidade às conclusões de Pertusi. Da mesma forma que serão abordados pontos não tratados no trecho do referido trabalho desse historiador italiano.

Ao observarmos os conselhos do *Strategikon*, podemos classificá-los como militares, administrativos ou econômicos, assim como políticos e sociais. Os militares têm uma proposta de aconselhar o leitor para organizações de campanhas, castramento, cerco, batalhas e manutenção de soldados. Os conselhos administrativos ou econômicos tratam da administração e organização desde propriedades privadas até de *themata*. Ao fazer o paralelo

entre os conselhos dirigidos tanto aos *strategos* quanto aos *akrites* e elencá-los segundo o modelo proposto, observamos claramente as diferenças entre esses dois cargos.

Em ambos os grupos de conselhos há uma predominância de admoestações militares; trinta de quarenta, no caso dos conselhos aos *strategos* e dezessete de vinte e dois, no caso dos dirigidos aos *akrites*. Contudo, podemos ver as diferenças na minoria. Os conselhos não-militares ao *Strategos* (dez no total) são sobre a legislação e administração dos *themata*, abusos de recolhedores de impostos, porte e comportamento de um aristocrata. Os poucos conselhos de caráter “não-militar” ao *akrites* (cinco no total) se distinguem como políticos, porém impregnados de um fundo militar. Um deles aconselha a não confiar em bárbaros que se aproximam de sua fortaleza com propósitos pacíficos, como por exemplo, fazer mercado, pois, uma vez dentro dela, aproveitam a chance e tentam tomá-la (Cecaumeno: VII,20). Já os outros três conselhos tratam da relação do *akrites* com os toparcas vizinhos. Os toparcas eram aqueles potentados independentes ou semi-independentes que vicejavam numerosos nas fronteiras entre Bizâncio e o Califado. Em relação a esses, Cecaumenos recomenda ao *akrites* restrição total, não devem ser confiados de forma alguma. Entretanto, se o toparca se mostrar pacífico, o autor sugere que o deixe em paz sem, no entanto, tirar os olhos de suas forças e de seus territórios. Se, por outro lado, o toparca se mostra agressivo e belicoso, Cecaumenos recomenda, seguindo as mais tradicionais *modi operandii* bizantinas, que o *akrites* deve adulá-lo, com cartas e presentes, o maior tempo possível, enquanto junta forças. Por fim, ataca o seu território de surpresa. Desse modo, o autor garante o sucesso da empreitada, que daria ao *akrites* honra, respeito, reconhecimento pessoal e recompensas do próprio Imperador (Cecaumenos: VII, 6 & 7).

É interessante apontar que Cecaumenos faz, no *Strategikon*, uma pequena série de conselhos aos toparcas, nos quais ele recomenda o mesmo tipo de cuidado em relação aos *akrites*. Nesse conselho, Cecaumenos diz o seguinte sobre os *akrites*: “*Así, cuando te descuides, atacará tu ciudad o tu territorio y se apodera de él. Es preciso que vigiles a los amigos más que a los inimigos*” (Cecaumenos: XVI,9), fazendo uma clara referência aos conselhos que ele mesmo dá aos *akrites*.

Enquanto o *strategos* tinha, além de sua função militar, a incumbência de ser o administrador e legislador local, os comandantes dos distritos fronteiriços não possuíam esse caráter de governante dos *strategoí*, ou ela não era importante, porque não podemos considerar que a fronteira bizantina era um vazio demográfico e econômico. Havia sim vilas e até mesmo cidades de relativa importância política e econômica nessas regiões, as *poleis*, e provavelmente os *akrites* eram a autoridade administrativa e jurídica nesses lugares. Depois

da grande crise do mundo romano-bizantino, nos séculos VII e VIII, quando as antigas cidades romanas minguaram em tamanho e importância, houve um renascimento econômico e populacional das cidades provinciais dentro do mundo bizantino. Crescimento que se intensificou nos séculos XI e XII (Kazhdan & Epstein, 1985:31-39).

Provavelmente os *akrites* habitavam nessas vilas e cidades. Contudo, a proteção das fronteiras deveria ser incomensuravelmente mais importante que a administração desses centros populacionais, que a qualquer momento poderiam ser invadidos, saqueados ou cair em mãos inimigas. Nesse sentido, da importância da integridade e segurança das fronteiras, adicionando à fragilidade da autoridade local nesses territórios (quem quer que ela seja), compreendemos a ausência de conselhos administrativos ou econômicos nas admoestações aos *akrites*. Entretanto, há muitos conselhos e exemplos históricos de Cecaumenos em relação à defesa de fortaleza: os *kastra* (Cecaumenos: VII,10-20). É pertinente apontar que a tradição romana de construção de fortificações manteve-se inalterada por toda história do Império Bizantino.

Não obstante, é difícil fazer uma diferenciação muito clara do que era *polis*, isto é, cidade, e *kastra*, porque, principalmente no que se referem às fronteiras orientais do Império, os centros populacionais eram altamente fortificados e as fortalezas defensivas muitas vezes estavam associadas a vilarejos. E fontes, algumas vezes, usavam a mesma nomenclatura para a mesma localidade. Todavia, de uma forma geral, os *kastra* se diferenciavam por seu caráter acima de tudo defensivo (Haldon,1999: 249-252). Eram onde se organizavam as defesas do território, onde a população local podia achar proteção em caso de invasões. Eram também os centros econômicos, onde a autoridade imperial, encarnada pelos *akrites* ou por enviados esporádicos, como recolhedores de impostos, agia. Portanto, a manutenção desses *kastra* era sinônimo da manutenção da autoridade nas fronteiras.

Dentre várias táticas e estratégias apontadas por Cecaumenos, de cercar e defender fortalezas, estratégias de ataque e defesas em batalhas, algumas representam as especificidades do guerrear na fronteira. Já no primeiro dos conselhos aos *akrites*, o autor recomenda que eles, ao tratar da indisciplina de seus soldados, o façam com cuidado, punindo alguns desvios e virando os olhos para outros. Uma vez que um tratamento por demais duro pode decorrer em revoltas de soldados e uma mudança de fidelidade desses para os inimigos, comprometendo desse modo a segurança desses distritos de fronteira e por consequência do Império. Demonstrando mais uma vez a fragilidade da autoridade local dos *akrites* (Cecaumenos: VII,1).



**Anexo III:** Árabes atacando a cidade de Edessa. Ilustração retirada de Crônica Skilitzes (século XII).  
Fonte: TSAMAKDA, Vasiliki. *op. cit.*

Cecaumenos aconselha também como os *akrites* devem agir em caso de invasões bárbaras. No caso de serem pequenas e possíveis de se sobrepor à invasão em força, ele deveria fazer frente a ela. No entanto, se forem invasões de grande porte, os *akrites* deveriam tão somente segui-las, atacando tropas e homens que se destacassem da força principal, infligindo o medo e o temor nas forças invasoras, fazendo que elas se movam juntas e não se separem para fazer pequenos saques e ataques. Esperando o envio de uma força de maior porte para fazer frente à invasão, se juntando a ela posteriormente (Cecaumenos: VII, 2). Por sua vez, os *akrites*, quando forem atacar territórios estrangeiros, devem evitar tomar o mesmo caminho na volta, ainda mais se o caminho for um vale, numerosos nas fronteiras orientais do Império. No entanto, se não houver outro caminho, os *akrites* deveriam pôr sentinelas em lugares estratégicos, para que garantissem uma volta para casa segura e livre de emboscadas (Cecaumenos:VII, 8 & 9).

No caso aqui estudado, mais importante que a presença de representantes do poder imperial de Constantinopla era a adesão dos fronteiriços a esse poder. Diferente do conceito contemporâneo de “fronteira”, que a demarca segundo as decisões e tratados diplomáticos entre dois Estados-nações que se margeiam. Pouco adiantava a conquista de territórios pelo poder central, se essas novas possessões pudessem ser reconquistadas facilmente com auxílio local. É claro, como aponta Obolensky, que barreiras geográficas poderiam quase institucionalizar fronteiras, como o caso do Rio Danúbio que delimitava o limite do poder imperial nos Bálcãs (Obolenski,1974:303-314). Contudo, na fronteira que é aqui analisada, isso não acontece. Apesar de que o início do planalto anatólico sempre representou uma barreira para invasores, pois ela é mais facilmente defendida do que atacada, nunca se

desenhou uma linha fronteiriça anatólica. Assim, a questão da “fidelidade” é fulcral nas fronteiras, pois os limites territoriais eram estabelecidos baseados na fidelidade dos que ali viviam. Principalmente das elites locais, que eram cooptadas através de recebimentos de títulos honoríficos e cargos, especialmente no exército. (Neville,2004:27-29) Por isso compreendemos a flexibilização da disciplina militar aconselhada por Cecaumenos. Da mesma forma que compreendemos o surgimento de um personagem literário que viverá nessas mesmas fronteiras orientais de Bizâncio e será o “melhor entre os romanos”. O mais fiel, o que melhor representará o espírito de superioridade dos bizantinos em relação aos povos que o cercam.

A partir dessas observações dos conselhos de Cecaumenos aos *akrites*, podemos ver que há algo de heróico na função deles. A tarefa de proteger, naquelas paragens semibárbaras, afastadas do brilho da capital imperial, Constantinopla, o ideal de *Romania*, construído ao longo dos séculos por escritores e ideólogos bizantinos, fazia desses *akrites* algo mais do que simples tentáculos de um poder central distante, muito distante. Por isso, é mais do que natural que esses chefes-de-guerra, semi-independentes, que quase tão somente de forma nominal eram subordinados a esse longínquo poder constantinopolitano, tenham se tornado fonte de inspiração de uma das mais “vanguardistas”, se levarmos em consideração o conservadorismo bizantino, expressão cultural que o Império já viu: o surgimento de uma literatura épica, que nasce nesses ambientes fronteiriços e têm os *akrites* como heróis. E num segundo momento, nos finais do século XI e início do XII, tais canções épicas ganharam uma forma escrita e sintetizada na figura de um só personagem arquetípico, Basílio Digenis Akrites (sobre tais canções vide Beaton,1996:30-51 & Castillo Didier,1994:41-112).

## Referências

### Fontes

CECAUMENO. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000.

TSAMAKDA, Vasilikí. *The Illustrated Chronicle of Ioannes Skylitzes in Madrid*. Leiden: Alexandros Press. 2002

### Livros e artigos utilizados

ARCE, Javier. *La Frontera Del Império Persa: Constâncio II y Heráclio*. In: Eryhteia: numero 8/1, Madrid: Asociación Hispano-Helenica. 1987.

BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance: 2nd Edition*. Londres: Routledge.1996.

BURNS, J. H. *Histoire de la Pensée Politique Medieval (350-1450)*. Paris: PUF. 1993

CASTILLO, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

HALDON, John. *Warfare, State and Society in the Byzantine World: 565-1204*. Londres: Routledge. 1999.

KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. , Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press. 1985.

NEVILLE, Leonora. *Authority in Byzantine Provincial Society, 950-1100*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge. 2004.

NICOLLE, David. *Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992

OBOLENSKY, D. *Byzantine Frontier Zone and Cultural Exchange*. . In: *Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines*. Bucareste: Academiei Republicii Socialiste România. 1974. pp.303-314

PATLAGEAN,E. et al. *Historia de Bizâncio*. Barcelona: Critica. 2001.

PERTUSI, Agostino. *Akritai e Ghâzi sulla frontiera orientale di Bisanzio* . In: *Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines*. Bucareste: Academiei Republicii Socialiste România. 1974

TREADGOLD. Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press. 1997. pp.287-306

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no evento “Fontes, Saberes e Tradições – I Semana de Estudos Antigos e Medievais do NEMED” realizado entre os dias 26 e 29 de Agosto de 2008 na Universidade Federal do Paraná.

<sup>2</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães. E-mail: joaov.dias@gmail.com

<sup>3</sup> No original: Gli akriti in effetti, nei pochi testi che li ricordano, non appaiono mais come stratiôtai, mais piuttosto come strateuómenoi, cioè como soldati combattenti, s`assumono la douleia o servizio militare. Essi possono, molto probabilmente, essere in possesso di un bene militare e com i proventi di esso provvedere al proprio armamento, ma non debbono esserne necessariamente in possesso, perchè al loro armamento e al loro sostentamento puo o deve provvedere lo stato.